

Expressões, manifestações e atores das artes e culturas portuguesas contemporâneas¹

Susana Januário

Resumo

Decorrente da democratização, da festivalização da cultura e da cosmopolitização artística, assiste-se, em Portugal, a partir do final da década de 1980, ao surgimento de diversas manifestações artísticas cujas lógicas, sobretudo de emergência, rompem com as instituídas. Estas manifestações, entendidas como alternativas e/ou underground, têm vindo a corporizar novas formas de criação/mediação/receção/convenções/canonizações artísticas. Ou seja, iniciativas que assentam, designadamente, em novas práticas de trabalho segundo lógicas do-it-yourself (DIY), nas quais os artistas/criativos assumem, nomeadamente, papel de produtores/gestores, e os gatekeepers e os processos de criação de reputações se assumem-se como fundamentais na provisão/atração/fruição destas atividades. A emergência e consolidação destas manifestações enquadram-se num cenário de aposta e evolução significativa no campo cultural e artístico em Portugal. Efetivamente, a realidade portuguesa, nomeadamente deste século, corporiza, de forma indubitável, a importância conferida à cultura enquanto fenómeno social primordial. A viragem epistemológica da Sociologia para esta essencialidade impõe-se, perante não só a exponenciação das dinâmicas sociais e económicas, como também as intenções políticas, particularmente as encetadas pelos municípios (territorialmente, portanto). A partir da análise de conteúdos produzidos por um conjunto de dispositivos mediáticos considerados relevantes no que respeita à produção, à mediação e à divulgação cultural e artística, procurou-se obter o mapeamento das manifestações artísticas em estudo. Este permite-nos compreender, por um lado, a incidência destas manifestações no território e, por outro lado, a emergência de novas hegemonias territorializadas ou não no que respeita à “agenda cultural/artística” portuguesa e consequentes processos de criação/mediação/receção/canonização.

Palavras-chave: manifestações artísticas alternativas; território; mapeamento cultural e artístico.

Abstract

In Portugal, from the end of the 1980s, as a result of the democratization, festivalization of culture and the cosmopolitanism of art, several artistic manifestations have arisen, whose logics, especially of emergency, have broken with those which were instituted. These manifestations, that we can denominate alternatives and/or underground, have come to reify new forms of creation/mediation/reception/conventions artistic canonizations. In other words, we are considering those initiatives that are particularly based on the new work practices and logics do-it-yourself (DIY), in which the artists/creatives have been assuming the role of producers/managers and in which the gatekeepers and reputations have assumed as fundamental in the provision/attraction/fruition of these activities. The emergence and consolidation of these manifestations are part of a significant evolution in the cultural and artistic field in Portugal. In fact, the Portuguese reality, especially of this century, undoubtedly point out the importance of the culture as a primordial

1

Este artigo resulta da primeira fase de investigação do programa de doutoramento que a autora está frequentar (e realizar) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. A investigação em questão, com o título: ARTOPIA: Trajetos, interseções e circunstâncias das manifestações artísticas urbanas de pendor alternativo no Portugal contemporâneo, tem por objeto de estudo manifestações artísticas de pendor alternativo/underground contemporâneas em Portugal. A realização da investigação, sob orientação da Professora Doutora Paula Guerra, docente e investigadora da FLUP e do Instituto de Sociologia da mesma Universidade, encontra-se ao abrigo de uma Bolsa de estudos por parte da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, entidade pública (estatal) de financiamento de projetos e bolsas de investigação em Portugal.



social phenomenon. The epistemological turning of Sociology to this essentiality imposes not only the exponentiation of social and economic dynamics, but also the political intentions, particularly those initiated by the municipalities (territorial authorities). Based on the analysis of content produced by a set of media devices considered relevant for production, mediation and cultural and artistic dissemination, we intent to map these artistic manifestations. This allows us to understand, on the one hand the incidence of these manifestations in the territory and, on the other hand the emergence of new hegemonies (territorial or not) in the Portuguese "cultural/ artistic agenda" and the consequent creation/mediation/reception/canonization processes.

Key-words: alternative artistic manifestations; territory; a cultural and artistic mapping.

DDesde o fim da década de 1980, assiste-se, sobretudo nos territórios urbanos, ao adensamento de manifestações culturais e artísticas que traduzem, em traços largos, a democratização/festivalização da cultura, culturalização da sociedade e cosmopolitização artística que tem vindo a operar-se em Portugal. Inicialmente explicadas e compreendidas como alternativas e/ou underground, ou ainda como informais, autónomas ou independentes (Jürgens, 2016), são diversas as manifestações que emergem e rompem com lógicas instituídas e corporizam novas formas de criação/ mediação/receção/convenções/canonizações.

A investigação que estamos a desenvolver, a qual sustenta este artigo, incide nestas manifestações complexas e reticulares que remetem para o pluralismo, a experimentação, o ecletismo e a transdisciplinaridade de formas e discursos num quadro cultural transglobal/translocal. A sua força simbólica assenta no facto de se constituírem como novas formas de autoridade cultural (cultural turn, nos termos de Chaney, 1994), invertendo as tradicionais (de classe/comunidade/tradição).

A partir de uma análise documental extensiva de um conjunto de conteúdos produzidos pelos média, tendo como referência uma base temporal de dez anos (2007-2017), procedeu-se à seleção e registo de manifestações em estudo, tendo por base um processo exploratório junto de agentes privilegiados no que toca ao conhecimento e/ou participação do/no subcampo. Privilegiou-se as manifestações/eventos de carácter artístico multidisciplinar, cuja seleção resultou de um processo sistemático de apuramento que se foi consolidando durante a própria recolha de dados.

Assim, o que partilhamos neste momento são alguns dos contornos de uma cartografia de dinâmicas que nos permite proceder a um mapeamento



preliminar das manifestações artísticas em estudo. Deste modo, é-nos possível, por um lado, perceber a incidência destas manifestações no território nacional (localização/densidade espacial) e, por outro lado, aventar a eventual emergência de novas hegemonias no que respeita à “agenda cultural e artística” portuguesa e consequentes processos de criação/mediação/receção/canonização.

Este artigo estrutura-se em dois pontos fundamentais: um primeiro, no qual se apresenta um breve retrato da evolução e dinâmica do campo cultural e artístico português; e um segundo, em que se apresenta um mapeamento de manifestações que esboçam formas e processos artísticos inovadores.

1. Da inevitabilidade preliminar de enquadramento: um retrato breve do Portugal cultural contemporâneo

“Creio (...) que a cultura, e um inúmero de conceitos relacionados, tornaram-se simultaneamente o tópico mais dominante e recurso intelectual mais produtivo de tal forma que conduziu-nos a reescrever o nosso entendimento sobre a vida no mundo moderno” (Chaney, 1994, p. 1).

A partir do final de 1980 assiste-se em Portugal a mudanças relevantes no tocante aos mundos cultural e artístico que traduzem não só a democratização e festivalização da cultura, como também a culturalização da sociedade e a cosmopolitização artística. Estas mudanças fazem-se sentir, já desde os anos 1960, com a emergência da cultura (pop-art) mediática massiva (Adorno, 2001), estendendo-se e reforçando-se nas décadas subseqüentes, no âmbito de um processo mais amplo de desenvolvimento/modernização da sociedade portuguesa (Costa, 2002; Melo, 1994). Neste âmbito, surgem diversas manifestações, assinaladas no binómio cultura cultivada vs cultura popular (Santos, 1998), que rompem com lógicas instituídas materializando novas formas de criação/mediação/receção/convenções/canonizações (Jürgens, 2016).



Estamos a considerar manifestações complexas e reticulares que se consubstanciam, designadamente: em iniciativas que assentam na noção de densidade relacional artística e aglomeração de stakeholders (Costa, 2001; Fortuna & Leite, 2009; Silva et al, 2013); em novas práticas de trabalho segundo lógicas do-it-yourself (DIY), independentes e muitas vezes tidas como informais na sua emergência, nas quais os artistas/criativos assumem, nomeadamente, o papel de produtores/gestores; no papel fulcral que os gatekeepers e os processos de criação de reputações desempenham na provisão/atração/fruição destas atividades (Silva et al, 2013, 2015); numa inscrição territorial urbana, espaço por excelência de confluência de diversos mundos de arte e de cultura (Crane et al, 2002; Thornton, 2009).

Reconhecendo estas manifestações artísticas como espaços sociais relacionais significativos, consideramos estar perante um subcampo social (Bourdieu, 1996, 2003; Guerra, 2015) com relevância e de densificação crescente, cujas condições de produção/difusão/receção artísticas implicam ser compreendidas e interpretadas numa lógica de artworld (Becker, 1984, 2007) e num contexto cultural urbano heterogéneo e segmentado (Crane, 1992; Crane et al, 2002). Estamos a considerar, ainda, manifestações que, embora atravessadas por lógicas de génese organizacional distintas, operam em redes de controlo de acesso e de reconhecimento no mundo da arte, projetando novas carreiras e atores na cadeia de valor artístico nacional com uma tradução territorial orgânica (cenas) (Bennet & Peterson, 2004; Guerra, 2013; Pais, 2010; Straw, 1991). Note-se estarmos perante espaços que proporcionam importantes núcleos/nós de convivialidade (e de sociabilidade/socialização) (Jauss, 1990), cujos processos criativos e atividades culturais podem ser fortemente condicionados por atributos físicos/materiais dos próprios espaços.

Em suma, estamos perante manifestações artísticas assumidas como formas de práticas/vida social, nas/pelas quais os objetos estéticos detêm um papel crucial como árbitros de relações, significado e ações sociais nos quotidianos da modernidade tardia (Jameson, 1991; Zukin, 1995).



Um breve retrato sobre Portugal, a partir da viragem do milénio – desta feita incidindo em três indicadores e visando territórios mais alargados (NUT II²) – permite-nos verificar uma tendência positiva no que toca a infraestruturas e orçamentação com a área da cultura. Tal permite-nos, de forma geral, deduzir uma crescente relevância da cultura que, inferida a partir de indicadores mais materiais, seguramente sustenta uma inequívoca importância social da mesma.

Assim, no que respeita às infraestruturas (número de equipamentos/recintos culturais), verificamos uma evolução positiva entre 1999 e 2009; em todas as regiões mais que se duplica o número dos equipamentos existentes, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 – Número de Recintos Culturais (1999 – 2016), por NUT II

	1999	2001	2009	2010	2011	2013	2015	2016
Norte	32	39	89	88	83	83	86	88
Centro	40	46	114	92	86	85	82	85
Área Metropolitana Lisboa	61	72	141	98	93	90	95	99
Alentejo	49	55	85	48	47	43	48	49
Algarve	9	8	19	17	17	15	16	15
Região Autónoma Açores	6	9	12	9	7	8	9	10
Região Autónoma Madeira	2	2	10	15	14	16	16	18

Fonte: INE Inquérito aos Recintos Culturais (até 2009) | Inquérito aos Recintos de Espetáculos (a partir de 2010).

A partir de 2010, constata-se uma estagnação e mesmo diminuição (em algumas regiões, como no Alentejo, bastante significativa) do número de recintos culturais, o que se poderá explicar pela crise económico-financeira mundial de 2007-2008 e consequente período político de austeridade que se fez sentir, nomeadamente, na União Europeia; Portugal, a par de outros países, como a Grécia, a Irlanda e Espanha, foi um dos países europeus que mais sentiu a crise como a própria intervenção política que se lhe seguiu. Por seu turno, o aumento que se assinalou (bastante significativo) justifica

2

NUTS – “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos” – corresponde ao sistema hierárquico de divisão do território em regiões, criado pelo Eurostat (Gabinete de Estatística da União Europeia) com o intuito de harmonizar as estatísticas dos vários países em termos de recolha, compilação e divulgação de estatísticas regionais. Considera-se 3 níveis (NUTS I, NUTS II, NUTS III), definidos de acordo com critérios populacionais, administrativos e geográficos. Em 2015 entrou em vigor uma nova divisão regional em Portugal – NUTS 2013, na qual os 308 municípios de Portugal se agrupam em 25 NUTS III (Entidades Intermunicipais, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira), 7 NUTS II (Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira), e 3 NUTS I (Continente, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira) (PORDATA, <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>, consultado a 15 de julho de 2018).



por si, em parte, ter-se atingido um patamar razoável tendo em conta as características sociodemográficas do país. Assinale-se que no cômputo das regiões, é a de Lisboa a que assume a posição cimeira. Como veremos, esta região, na qual se localiza a capital e a maior concentração populacional do país, é a que apresenta o maior e mais consistente dinamismo em várias dimensões – económica, social e cultural. Ao contrário, as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira são as que apresentam menor expressão e evolução; o afastamento territorial das mesmas (arquipélagos situados no Oceano Atlântico), as características sociodemográficas e outras explicam este posicionamento. Registe-se que a hierarquia das posições mantém-se, grosso modo, atualmente (2017).

Ainda no âmbito dos equipamentos, refira-se que relativamente ao número de galerias e espaços temporários para exposições assistiu-se igualmente a uma evolução positiva. O ano de 2009 constitui também o ano de maior expressão (ponto alto), a partir do qual se denota um abrandamento e mesmo diminuição do número de espaços em algumas regiões. De relevar é que, entre 2001 e 2017, se assistiu a um crescimento (cerca do dobro) do número dos espaços/equipamentos em consideração, como é visível no quadro que a seguir se apresenta.

Quadro 2 – Número de Galerias e Outros Espaços de Exposições (2001 – 2017),
 por NUT II

	2001	2009	2010	2012	2015	2017
Norte	142	258	255	230	294	281
Centro	125	190	195	174	251	253
Área Metropolitana Lisboa	179	279	273	222	243	246
Alentejo	2	89	87	98	140	139
Algarve	18	29	27	35	44	45
Região Autónoma Açores	12	19	19	23	32	29
Região Autónoma Madeira	18	21	25	21	33	31

Fonte: INE Inquérito às Galerias e Outros Espaços de Exposições Temporárias.

Registe-se que, uma vez mais, esta evolução – crescimento significativo e abrandamento de seguida – é explicada pela crise do final da primeira década deste século e pelo período de austeridade sequente. Note-se como no ano de 2015 (após o período de contração enunciado) se assiste novamente a um crescimento importante, ao qual se segue uma ligeira diminuição (2017). A tendência de crescimento, uma vez mais, permite inferir da importância crescente e consistente que esfera artística e cultural (manifesta desta feita em exposições/mostras) assume no território nacional.

Atendendo de seguida à evolução das despesas dos municípios em cultura e desporto, verificamos, para o período de tempo considerado, uma tendência igualmente positiva. Uma vez mais, verificamos que ano de 2009 corresponde ao pico de crescimento, ao que se segue um constrangimento assinalável – também já explicado – interrompido recentemente, designadamente a partir de 2015 (cf. quadro abaixo³). Uma vez mais, atesta-se a importância dos campos da arte e da cultura, manifesta na valorização do território e no seu desenvolvimento socioeconómico, verificando-se que as estratégias políticas de valorização e de desenvolvimento dos territórios passam, em larga medida, pela aposta ao nível cultural, artístico, a par das esferas de lazer e turismo (Silva, et al, 2015).

Quadro 3 – Financiamento das Atividades Culturais, Criativas e Desportivas, pelas Câmaras Municipais (2001 – 2016), por NUT II (milhões de Euros)

	2001	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Norte	120 681,0	187 808,4	161 928,6	164 498,8	147 245,8	214 613,3	189 888,4	223 951,3	218 138,8
Centro	121 733,5	116 034,4	113 218,5	102 382,3	167 098,4	141 404,0	166 367,2	154 288,7	66 012,5
Área Metropolitana Lisboa	90 341,6	277 203,7	123 716,7	106 004,1	95 084,9	115 909,1	114 169,4	109 115,3	128 084,4
Alentejo	45 529,2	73 223,2	61 864,8	56 680,8	56 108,2	86 335,0	70 859,1	78 878,1	78 111,2
Algarve	21 369,9	49 046,9	39 484,7	32 001,6	25 922,4	30 606,7	31 637,9	38 543,3	44 324,8
Região Autónoma Açores	*	11 376,0	11 633,8	9 617,8	7 662,4	13 144,9	14 335,3	14 198,3	15 807,1
Região Autónoma Madeira	8 289,5	12 375,8	11 141,8	10 503,5	8 856,0	7 812,9	6 548,0	7 413,3	8 075,1

Fonte: INE - Inquérito ao Financiamento das Atividades Culturais, Criativas e Desportivas pelas Câmaras Municipais.

3

Para este indicador não existe desagregação das despesas da cultura das do desporto, o que, no nosso entendimento, não invalida que se infira da importância da cultura nos orçamentos municipais conforme defendemos.



É no âmbito da tendência indubitável para a crescente importância da cultura – a vários níveis e em várias dimensões – que inscrevemos o trabalho que estamos a desenvolver e este artigo, o qual procura dar conta de um subcampo específico, concretamente no que respeita ao modo como este se espelha nos media portugueses.

2. Esboçando um mapeamento cultural e artístico – da emergência das heterodoxias à ortodoxia de novas canonizações

O mapeamento que apresentamos resulta da análise documental extensiva de conteúdos produzidos por um conjunto de dispositivos mediáticos considerados relevantes no que respeita à produção/mediação/divulgação cultural e artística em Portugal. Foi considerado um período de 10 anos, balizado entre os anos de 2007 e 2017. A recolha e registo da informação foram realizados a partir da seleção de notícias/notas/reportagens que referem/respeitam a manifestações mencionadas como alternativas, independentes, informais, underground ou as consideradas, no âmbito do processo exploratório levado a cabo durante a investigação, pelos atores/agentes privilegiados do subcampo em estudo. O processo de seleção foi sendo apurado ao longo do decurso da pesquisa, à medida que que surgiam manifestações que apontavam para lógicas disruptivas (em parte evidenciado pelos próprios conteúdos da informação jornalística). Por seu turno, ainda, e não somenos importante, notamos haver um critério de seleção basilar – o caráter inequívoco de multidisciplinariedade da manifestação artística a considerar.

Assim, tomaram-se como referências os dispositivos mediáticos de imprensa escrita portugueses Ípsilon (suplemento semanal sobre cultura/ artes do Jornal Público)⁴, Time Out (Lisboa e Porto)⁵, Revista E (suplemento sobre cultura e atualidade, indexado ao semanário Expresso)⁶ e Umbigo Magazine (arte, cultura, moda e lifestyle)⁷. Foram tidos como critérios de seleção destes periódicos i) o âmbito dos conteúdos, selecionando-se os periódicos cuja referência editorial e de audiência/público é manifesta em epítetos como cultura, tempo livre e lazer, arte e estilos de vida; ii) a diversidade em face do tipo de periódico – suplemento de jornal ou revista

4

O Público é um jornal diário português fundado em 1990, tendo sido pioneiro a publicar artigos colecionáveis, como CDs, CD-ROMs e livros, entre outros. O suplemento Ípsilon é o suplemento de artes do Público, publicado à Sexta-Feira. Substituiu, a 12 de Fevereiro de 2007, os suplementos Mil Folhas, Sons e Y. Tendo em conta que a abrangência temporal da nossa pesquisa remonta a 2007, registe-se que a recolha de informação relativa a este ano incidiu (também) nestes suplementos.

5

Criada pela Time Out Company (com sede em Londres e Nova Iorque), a revista Time Out consubstancia-se em várias edições, cada uma das mesmas dedicada a uma das de diversas cidades do mundo. O objetivo da revista é dar a conhecer aos leitores o que podem fazer na cidade, a nível cultural e de lazer (artes, festivais, gastronomia, roteiros, divertimento,...). Em Portugal a revista possui duas edições, dedicadas às áreas metropolitanas de Lisboa, com a Time Out Lisboa, e do Porto, com a Time Out Porto. A primeira é publicada desde 2007, assumindo há já alguns anos uma periodicidade semanal. A Time Out Porto, com uma periodicidade mensal, saiu nas bancas, pela primeira vez, em Abril de 2010.

6

O EXPRESSO é um jornal português semanal, publicado desde 1973. A “Revista E” – que integra o jornal – foi lançada em 2015 e assume um formato alargado, cujos conteúdos são dedicados essencialmente à cultura, aos comportamentos, às tendências e a grandes trabalhos jornalísticos. Esta revista resulta da fusão de anteriores suplementos, nomeadamente da Revista e do Actual (suplemento que incluía o anterior “cartaz” – roteiro semanal de cultura e lazer).

7

A Umbigo é uma revista de arte, cultura, moda e lifestyle editada em suporte de papel com periodicidade trimestral e online com atualização diária (desde 2013). Nascida em 2002, esta revista tem passado por várias transformações tornando-se, cada vez mais, abrangente; desde 2017 assume-se como uma revista bilingue (português e inglês), ensejando reforçar a divulgação e promoção da arte e cultura portuguesa, a par de uma componente de arte internacional. Parceira da livraria Sã da Costa, a revista conta com apoios do Ministério da Cultura português, da Câmara Municipal de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian.



da especialidade, e iii) a cobertura, privilegiando-se as coberturas nacional e regional. Na dimensão regional, tomou-se como referência a Time Out de Lisboa e Porto, cuja cobertura abrange a Área Metropolitana de Lisboa e concelhos limítrofes e o Norte/Centro do país respetivamente.

Em termos efetivos, optou-se por um levantamento/consulta assente no estabelecimento de alguns marcos, verificáveis no quadro abaixo. Adiante-se que se tomou como referência primordial de registo o suplemento Ípsilon do Jornal Público, pela sua dimensão regular (semanal), a sua especialidade unívoca (a cultura) e pela natureza qualitativa das reportagens, que ultrapassa em larga medida o carácter de agenda geralmente associado aos suplementos dos periódicos da imprensa escrita regular. No quadro poder-se-á igualmente verificar o número de registos decorrente da consulta realizada.

Refira-se, por último, que este registo reporta-se às manifestações consideradas relevantes como um todo (por exemplo, um festival de arte que, por si, resulta de uma condensação de vários eventos singulares de múltiplas artes) e aos eventos singulares (que merecem destaque no dispositivo mediático) promovidos pelas ou no âmbito das manifestações (como por exemplo um concerto ou uma exposição promovidos por uma das manifestações com a maior incidência na recolha realizada: Galeria Zé dos Bois – ZDB (Lisboa), cujo caso merecerá atenção particular à frente).

Quadro 4 – Anos de consulta e número absoluto dos periódicos consultados

Periódico	Anos de consulta	Número de periódicos consultados
Ípsilon	2007; 2012; 2013; 2014; 2015; 2016; 2017	651
Revista E		319
Time Out Lisboa	2007; 2012; 2017	576
Umbigo		14
Time Out Porto	2012; 2017*	146
		1706

*Note-se que a edição regular da Time Out Porto aconteceu em 2011, o que justifica a não inclusão do ano de 2007 neste caso em particular.



Em análise estão as variáveis: i) o concelho onde decorre a manifestação; ii) NUT III (Comunidades Intermunicipais); iii) a manifestação (designação/qual); iv) o tipo de evento (área artística) evidenciado pelo conteúdo jornalístico.

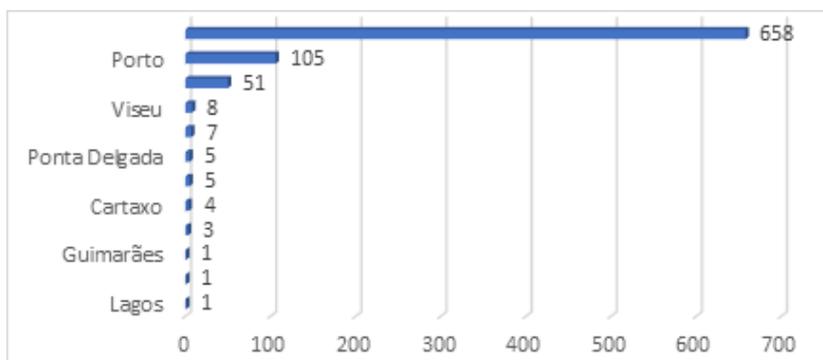
2.1. Um mapeamento de manifestações culturais e artísticas

A Arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo.

Vladimir Maiakovski

Das 849 ocorrências registadas, pode verificar-se que a maioria das mesmas (manifestações/eventos) sucede na capital do país, Lisboa, no período considerado (2007-2017). Segue-se o Porto (segunda cidade de maior relevância a nível nacional), ainda que o número de registos seja praticamente 1/6 dos verificados em Lisboa, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Número de ocorrências por concelho, entre 2007 e 2017



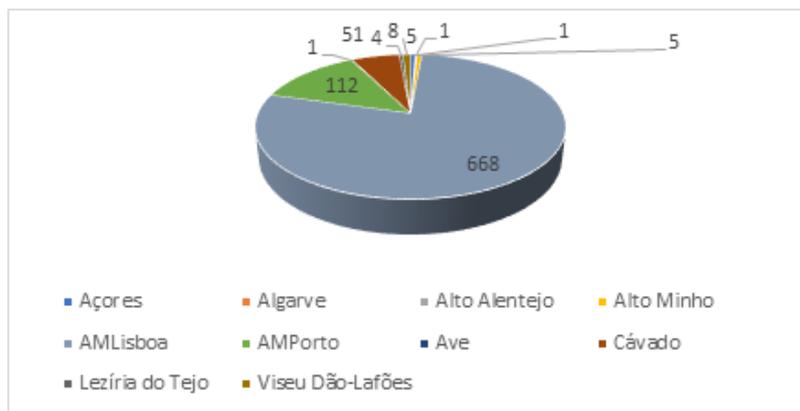
O concelho de Braga, situado a Norte do país, regista o terceiro maior número de eventos divulgados pelos média. Este facto deve-se, adiante-se, ao espaço GNRation, criado em 2012, no âmbito da Capital Europeia da Juventude⁸, o qual visa a promoção de atividades artísticas em geral e exploração das artes digitais em particular. A dinâmica artística bracarense espelhada nos média – note-se – cinge-se, na prática, às iniciativas deste espaço, apostadas mormente na exploração da música, do vídeo e animação.

8

A Capital Europeia da Juventude, iniciativa do Fórum Europeu da Juventude, tem por objetivo o desenvolvimento de iniciativas de âmbito cultural, social, político e económico destinadas aos jovens. Em cada ano, uma cidade europeia recebe a distinção propondo-se desenvolver um conjunto de iniciativas naqueles âmbitos. A primeira Capital Europeia da Juventude foi Roterdão, em 2009.

Em termos territoriais, seguindo o gráfico abaixo, podemos perceber a distribuição das ocorrências pelas NUT III, ou seja, pelo que podemos designar de “sub-regiões” que, na realidade, correspondem às entidades/comunidades intermunicipais criadas não só para fins estatísticos, mas cuja demarcação aponta também para uma organização, a prazo, com contornos de natureza política e administrativa.

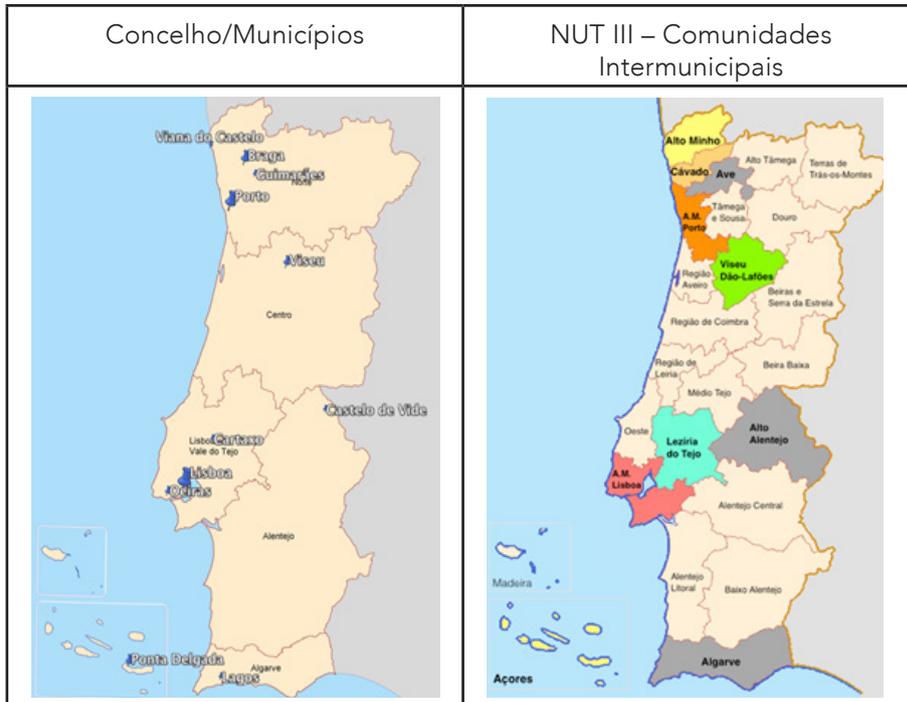
Gráfico 2 – Número de ocorrências por Comunidades Intermunicipais (NUT III), entre 2007 e 2017



A Área Metropolitana de Lisboa é a que mais se salienta no contexto de análise, seguindo-se a homóloga do Porto. O destaque do Alto Minho em terceiro lugar justifica-se pelo caso já apontado de Braga. A cidade de Viseu, situada na comunidade intermunicipal de Viseu Dão-Lafões (centro interior de Portugal), justifica, na totalidade, as ocorrências registadas nessa “sub-região”, mormente pela manifestação Jardins Efémeros, um festival multidisciplinar que, desde 2014, tem vindo a consolidar-se como uma iniciativa de relevo no território local e regional, mas também a nível nacional, tendo em conta o carácter internacional crescente da mesma, constituindo um motor significativo de atração de públicos de todo o país.

A figura seguinte permite-nos uma visualização mais precisa da inscrição destas ocorrências ao nível do território.

Figura 1 – Mapa das ocorrências, por Concelho e NUT III, entre 2007 e 2017



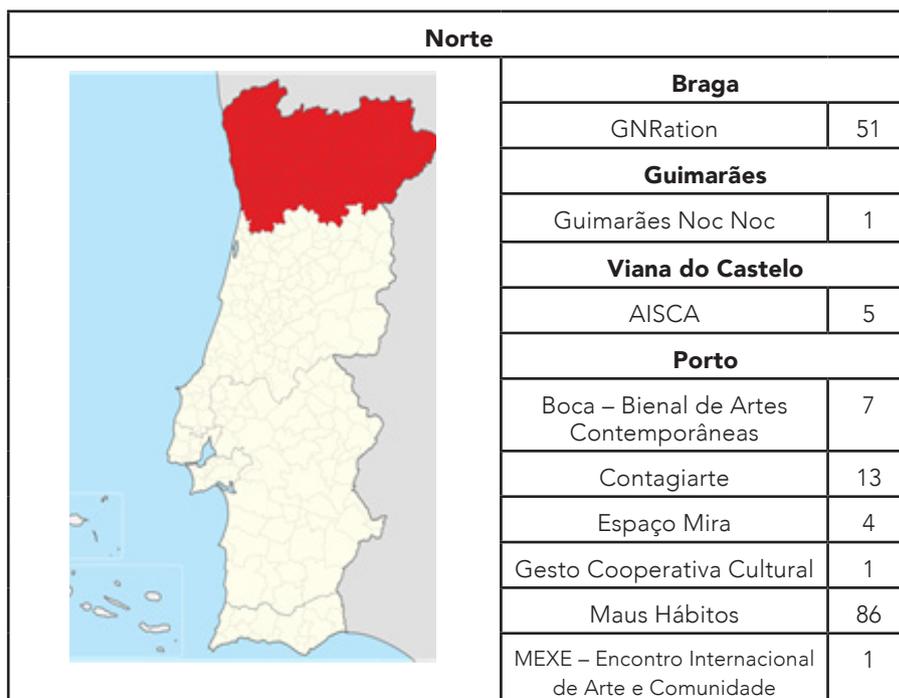
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/NUTS_de_Portugal/ (editado)

A visualização das ocorrências registadas manifesta a estruturalidade que marca a realidade sociológica portuguesa.

Referimo-nos à macrocefalia, atestada pelo facto da maioria das ocorrências se verificar na Área Metropolitana de Lisboa (e Lisboa ser, dentro desta, o concelho que mais eventos realiza) e na cidade do Porto; o facto de Braga surgir com uma relevância não desprezível reforça, no nosso entendimento, a tendência macrocéfala que ainda marca territorial e sociologicamente Portugal.

No que respeita às manifestações culturais e artísticas propriamente ditas, salientamos como principal regularidade uma relevante distintividade, ao denotarmos que algumas destas manifestações evidenciam-se claramente no que toca aos conteúdos mediáticos. Veja-se o conjunto seguinte de quadros, de onde se destaca as manifestações em estudo que marcam presença nos dispositivos mediáticos consultados. Os quadros estão organizados por região (NUT II) e em sequência Norte-Sul.

Figura 2 – Mapa das manifestações (ocorrências) na Região Norte (NUT II), entre 2007 e 2017



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LocalRegiaoNorte.svg> (editado)

No Norte de Portugal, como já referenciamos, a hegemonia cabe ao concelho do Porto. Esta é a segunda cidade de maior relevância socioeconómica do país e sem dúvida a da região Norte, sendo, desde sempre e atualmente, devido à notoriedade de que tem vindo a usufruir a nível internacional em termos de atratividade turística, o principal motor de desenvolvimento da região. A manifestação que se evidencia é o Maus Hábitos, espaço cultural da cidade, com pouco mais de 15 anos, que surge como alternativo no campo artístico portuense; transdisciplinar por natureza, não só catapultou vários artistas, como promove iniciativas de apoio à produção, de mediação e divulgação artísticas, como se tem vindo a inscrever de forma notória no roteiro artístico e cultural da cidade.

De destacar ainda na região é o já referido caso GNRation em Braga. Não tendo ainda uma década de existência, é um espaço de relevância no âmbito do apoio à produção, mediação e divulgação artística, sobretudo na música e no audiovisual.

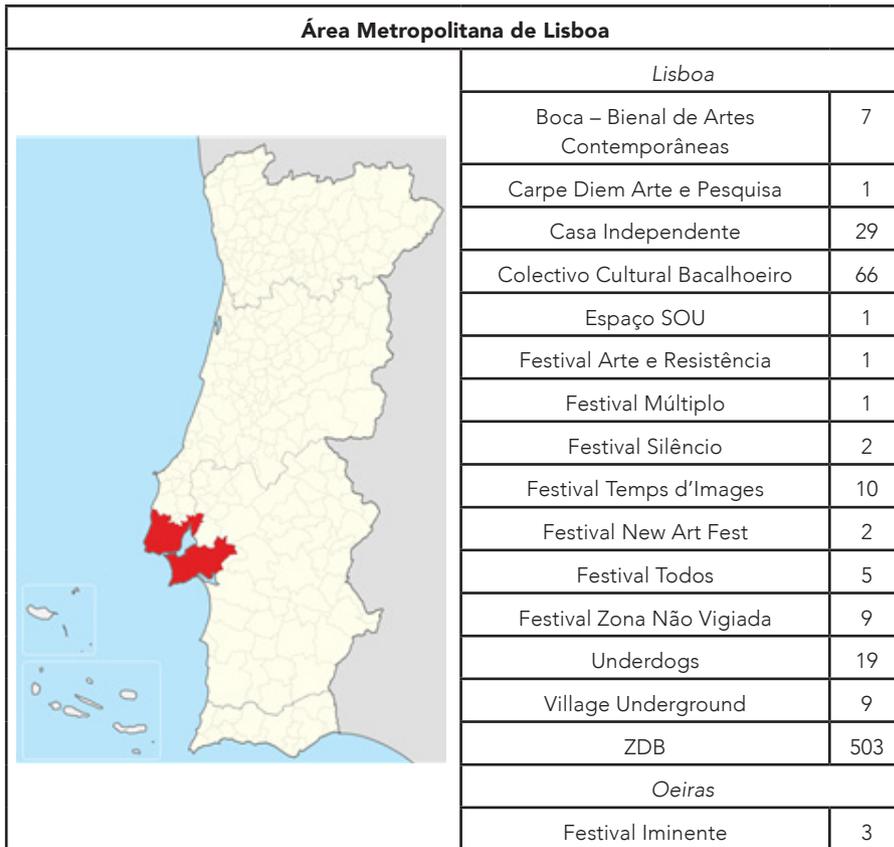
Figura 3 – Mapa das manifestações (ocorrências) na Região Centro (NUT II), entre 2007 e 2017

Centro		
	Viseu	
	Festival cul.urb_viseu.fest	1
	Festival Viseu A	1
Jardins Efémeros	6	

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LocalRegiaoCentro.svg> (editado)

No Centro do país, território do qual se pode destacar cidades/ concelhos como Coimbra, Leiria e Viseu, é nesta última que encontramos referência a manifestações em estudo. Destas, os Jardins Efémeros constituem a manifestação com maior destaque conferido pelos dispositivos mediáticos analisados, conforme assinalado anteriormente.

Figura 4 – Mapa das manifestações (ocorrências) na Área Metropolitana de Lisboa (NUT II), entre 2007 e 2017



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portugal_NUTII..svg (editado)

A integração de Lisboa nesta unidade territorial explica em grande parte o facto de estarmos perante o território do país com maior dinâmica artística e cultural. Não constitui de todo qualquer novidade esta tendência – efetivamente a centralidade de Lisboa assume-se como uma marca estruturante indelével do desenho sociológico do país. Como já foi referido, estamos perante um país macrocéfalo a todos os níveis, sendo que o artístico e o cultural não constituem exceção. Foi Lisboa que mais sentiu os “ventos” de mudança que antecederam a revolução democrática de 25 de abril de 1974 e respetiva queda da ditadura política que durou mais de 40 anos. A abertura à “contemporaneidade”, no dealbar da década de

1970, decorreu quase exclusivamente em Lisboa, cuja condição de capital política, económica, demográfica e social permitia um maior contacto a nível internacional; a condição de metrópole do conjunto ultramarino – do qual se destaca o conjunto dos países africanos, como Angola, Cabo Verde ou Moçambique – ajuda igualmente a explicar a fluidez dos intercâmbios a que Lisboa assistia na época. É por esta altura que se começa a assinalar o surgimento transversal e transdisciplinares de estilos artísticos, sentidos na música, nas artes plásticas, no cinema. É neste contexto – e já em fase de consolidação da mudança e, digamos, viragem cosmopolita – que em plena década de 1980 surgem manifestações artísticas e culturais que rompem com as tendências hegemónicas no campo artístico, abrindo lugar à novidade, mas sobretudo à diferença. Começa a apostar-se no apoio à criação (aos novos criadores) em inovadores e distintivos processos/modelos de mediação e divulgação artísticas (Jürgens, 2016; Guerra, 2018). A Galeria Zé dos Bois – ZDB é uma destas iniciativas, sendo a que, inequivocamente, se assume como a que maior número de referências congrega ao nível dos conteúdos mediáticos considerados. Atualmente numa fase de consolidação (e consagração), a ZDB é singular no subcampo em estudo, tendo em conta a sua longevidade (mais de 20 anos) e, sobretudo, notoriedade na esfera artística e cultural não só da cidade de Lisboa, mas ao nível regional e mesmo nacional.

São várias as iniciativas que registamos em Lisboa e nas cidades/concelhos limítrofes; referimo-nos iniciativas que vão desde espaços concretos multidisciplinares de apoio à criação, mediação e receção artísticas até eventos igualmente multidisciplinares com os mesmos fins, como os Festivais. Destes, destaca-se o mais recente, o Festival Iminente, cujas primeiras edições decorreram em Oeiras (concelho limítrofe de Lisboa) e que, em 2018, decorrerá na própria cidade de Lisboa. O Iminente surge em 2016, com curadoria do street artist português mais reconhecido a nível nacional e internacional Alexandre Farto – Vhils e da plataforma/galeria artística Underdogs; caracteriza-se como a materialização de um movimento criativo que une várias “novas” formas de arte, procurando o estabelecimento de diálogos entre a cultura e arte portuguesas e outras formas de expressão e culturas, assumindo-se como uma manifestação de vanguarda.



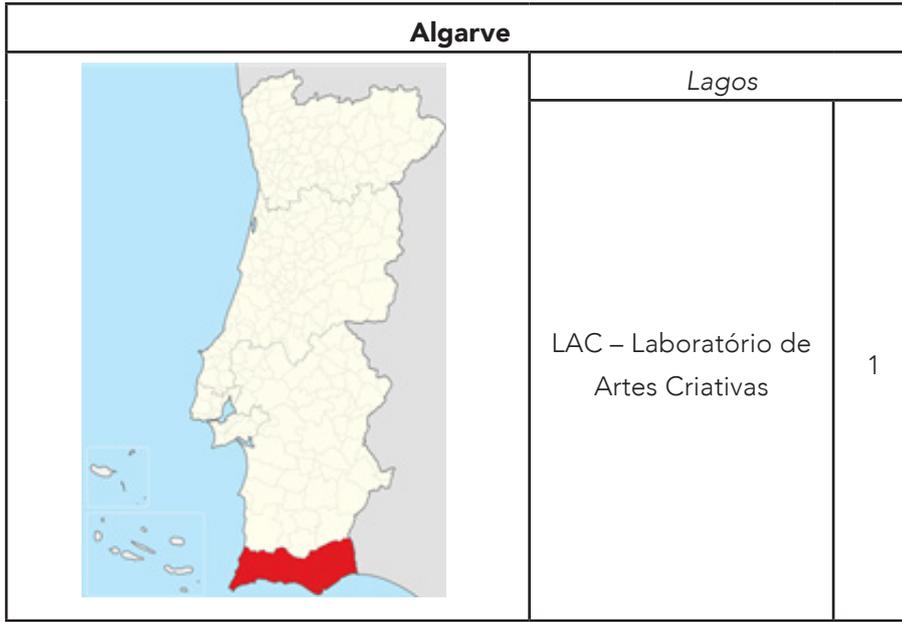
Um dos casos que merece uma nota é do Colectivo Cultural Bacalhoeiro, que se destacou, sobretudo em 2012, mas que viria a desaparecer em 2014, por falta de condições financeiras. Este caso específico assume-se como paradigmático no que respeita a uma das características que poderá demarcar o subcampo que estamos a considerar na nossa investigação, uma certa fragilidade que marca as iniciativas tendo em conta o seu caráter essencial de independência e autonomia, entendidas estas sobretudo face aos poderes económico e político. Aliás, adiante-se, que dificilmente se encontram iniciativas a este nível cuja continuidade e consolidação não dependam, a partir de determinada altura, de apoios políticos (quer a nível central, quer a nível local, ou seja, quer governamental ou municipal) ou económicos, estes provenientes inclusive de instituições financeiras.

Figura 5 – Mapa das manifestações (ocorrências) na Região do Alentejo (NUT II), entre 2007 e 2017

Alentejo			
	<i>Cartaxo</i>		
	<table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 80%;">Festival Materiais Diversos</td> <td style="width: 20%; text-align: center;">4</td> </tr> </table>	Festival Materiais Diversos	4
	Festival Materiais Diversos	4	
	<i>Castelo de Vide</i>		
<table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 80%;">Festival da Água e do Tempo</td> <td style="width: 20%; text-align: center;">1</td> </tr> </table>	Festival da Água e do Tempo	1	
Festival da Água e do Tempo	1		

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LocalRegiaoAlentejo.svg> (editado)

Figura 6 – Mapa das manifestações (ocorrências) na Região do Algarve (NUT II),
entre 2007 e 2017



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LocalRegiaoAlgarve.svg> (editado)

No sul do país – concretamente nos territórios do Alentejo e Algarve – destaca-se o LAC – Laboratório de Artes Criativas o que melhor representará as manifestações em estudo, tendo em conta, inclusive, a sua vertente internacional, patente nas residências artísticas que promove e que são destinadas a revelar quer artistas nacionais, quer estrangeiros. O LAC é uma associação cultural sem fins lucrativos, formada em 1995 por um grupo de pessoas das mais diversas áreas artísticas – artes plásticas, música, arquitetura, cinema e outras –, que visa dinamizar e promover a criação artística na região. Ainda, uma nota para o Festival Materiais Diversos. Este, organizado pela associação cultural sem fins lucrativos Materiais Diversos, tem como objetivo principal o acesso e descentralização artística. Existindo desde 2009, dedica-se às artes performativas em geral de onde se destaca a dança e a música e ocorre em três localidades deste território: Cartaxo, Minde e Alcanena.

Figura 7 – Mapa das manifestações (ocorrências) nas Região Autónoma dos Açores (NUT II), entre 2007 e 2017



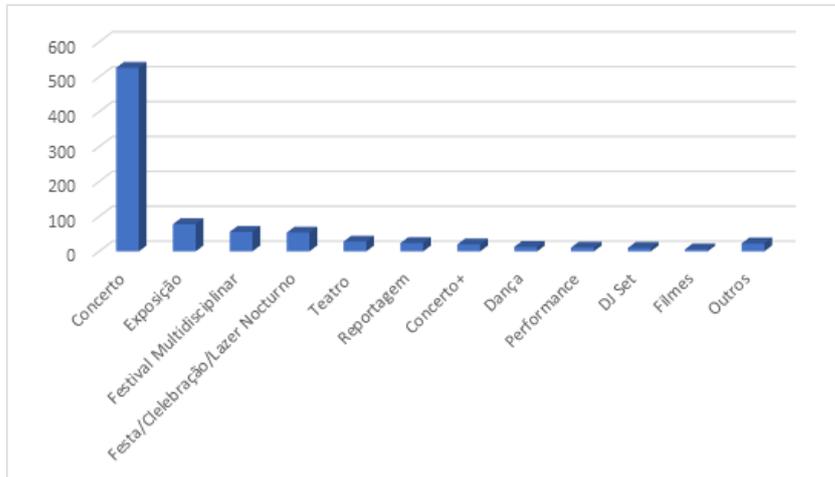
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portugal_NUTII..svg (editado)

Por fim, registre-se um dos casos relativamente recentes, mas emblemático, nos Açores – o Festival Walk&Talk. Fundado em 2011, este festival é anual, inicialmente dinamizado em Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, foi alargado a uma das outras nove ilhas do Arquipélago – Ilha Terceira. O festival autocaracteriza-se como uma plataforma artística transdisciplinar (artes visuais, artes performativas, arquitetura, design, música, vídeo) que procura incentivar a criação artística em território açoriano, em partilha e comunicação com “o mundo”.

O apuramento da análise permite-nos perceber qual o tipo de eventos que mais emergem no âmbito das manifestações em estudo. Note-se, uma vez mais, estarmos perante manifestações cujos modelos são distintos, ou seja, consideramos simultaneamente espaços físicos que promovem o mais variado tipo de iniciativas que vão sendo divulgadas pelos média (concertos, exposições, performances, etc.) e eventos demarcados temporalmente, como os festivais, que congregam num determinado período de tempo o mais diversificado tipo de iniciativas, merecendo, por isso, uma categorização própria na organização dos dados recolhidos, conforme o gráfico abaixo.



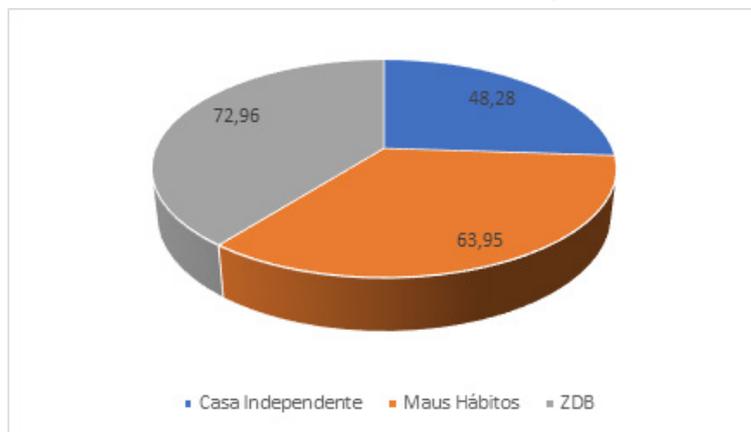
Gráfico 3 – Tipo de eventos/iniciativas promovidos no âmbito das manifestações artísticas alternativas, entre 2007 e 2017



Como podemos verificar, estamos perante uma hegemonia evidente dos concertos. A promoção deste tipo de evento acaba por dominar as ocorrências das manifestações no âmbito dos dispositivos mediáticos em estudo. Na verdade, espaços como a ZDB (Lisboa) e Maus Hábitos (Porto) são, na maioria das vezes, referenciados nos/pelos média a respeito da promoção de um concerto. Aliás, refira-se, que muitos dos concertos (mais propriamente os próprios músicos ou bandas) são motivo de reportagens com alguma notoriedade editorial. Uma das questões a aprofundar na continuidade da pesquisa prender-se-á, sem dúvida, na aferição do real peso deste tipo de eventos na agenda efetiva das manifestações; isto é, será importante perceber se estamos perante uma agenda que, de facto, incide de forma mais consistente na promoção de concertos ou se estes são os mais divulgados quer por quem os promove quer pela iniciativa dos média.

Veja-se, no gráfico que a seguir se apresenta, e a título de exemplo, o peso relativo dos concertos em três das manifestações referenciadas: ZDB, em Lisboa, Maus Hábitos, no Porto e, ainda, a Casa Independente, também em Lisboa. Esta consiste num projeto artístico da associação cultural Ironia Tropical que, desde 2012, aposta em fazer da Casa um local artístico e cultural multidisciplinar com uma programação variada entre concertos, exposições, ateliers, residências artísticas, recitais, saraus e outras iniciativas.

Gráfico 4 – Dimensão relativa dos concertos nas manifestações, entre 2007 e 2017



Em termos de áreas artísticas, podemos então destacar a música como a que mais representa o conjunto das manifestações referenciadas. Segue-se as artes visuais e/ou plásticas (patente sobretudo em eventos como exposições) e uma dimensão multidisciplinar/transdisciplinar, patente não só em iniciativas como os festivais artísticos e culturais, como também em eventos de menor congregação em que a música, por exemplo, surge associada às artes visuais ou artes performativas. A figura abaixo espelha a hierarquia dos eventos registados no âmbito da recolha de dados efetuada.

O mapeamento que se procurou fazer, tendo como enfoque o território a nível nacional, permite-nos inferir um retrato do subcampo que estamos a estudar, cujos alguns dos contornos daremos conta a seguir no breviário conclusivo que apresentamos. Este retrato, encarado como um cenário dinâmico, servirá de base para o prosseguimento da pesquisa, nomeadamente como suporte para a seleção dos casos a estudar de modo mais profundo e intensivo.

3. Em fase de maturação – uma proposta de brevíário para reflexão

A arte tem valia porque nos tira daqui.
Fernando Pessoa

Do analisado, podemos inferir algumas linhas conclusivas que nos impelem a aprofundar e a estudar, desta feita no terreno, o subcampo objeto da nossa pesquisa. A primeira questão que se salienta, e dado estarmos a tratar de território, é hegemonia (estrutural) das regiões de Lisboa e Porto, notoriamente mais evidente no primeiro caso. Efetivamente, como já afirmamos atrás, estamos perante uma estruturalidade que aponta para a supremacia – chamemos-lhe sociológica – da capital portuguesa, fazendo de Portugal um país essencialmente macrocéfalo, ainda que desponte, num ou noutro território, algumas manifestações artísticas com alguma relevância, atestada, quanto mais não seja, pela sua sistematicidade e regularidade, patente no número de eventos/iniciativas e na sua durabilidade, contando já com algumas edições.

São estas últimas as que mais atestam a importância dos campos da arte e da cultura na valorização do território e no seu desenvolvimento socioeconómico. A marcação das mesmas no território – algo que os média evidenciam – é causa e consequência para que as estratégias políticas de valorização e de desenvolvimento dos territórios passem, em larga medida, pela inscrição dos mesmos nos mapas e agendas culturais, artísticos, mas também de lazer e turísticos (Silva, et al, 2015). O breve retrato inicial incidente nas despesas dos municípios comprovam-no, intuindo, obviamente, que estas representam o custo final das estratégias e opções de natureza política que apostam nas áreas cultural e artística.

Aspeto interessante a salientar da análise mais apurada prende-se com o facto de estarmos perante uma outra hegemonia, desta feita ao nível dos eventos e iniciativas singulares levadas a cabo pelas manifestações que se evidenciaram – a da música, tendo em conta o número de concertos que são promovidos e divulgados. Estamos perante uma hegemonia que pode ser explicada, em parte, pelo processo que alguns evidenciam como característica das sociedades contemporâneas e que designam por



“festivalização” da cultura, mas no sentido amplo, abrangendo a própria vivência do quotidiano (Bennett, 2005). A música, neste processo, assume papel primordial, não só pela ideia de festival lhe estar subjacente, como também pelo facto de se constituir como campo indelével da popularização da cultura, da demarcação de grupos sociais que consubstanciam modos e estilos de vida diferenciadores e distintivos, simultaneamente disruptivos e persuasivos. A verificação da hegemonia da música – mormente patenteada na forma de concerto – é tanto mais interessante quando estamos a considerar manifestações (seleccionadas tendo por base esse pressuposto) multi e transdisciplinares em termos artísticos; ainda, note-se que apesar de haver necessidade de perceber se se está perante uma efetiva hegemonia e não meramente perante um processo de mediação/divulgação (quer seja feito pelos média ou pelas próprias entidades que suportam as manifestações), o nosso conhecimento prévio e de base exploratória aponta para que esta hegemonia (ou pelo menos relevância) da música se verifique quer nas programações das manifestações permanentes (espaços), quer nas das manifestações eventuais, como é o caso dos Festivais artísticos multidisciplinares.

Importa reforçar que existe a clara necessidade de o conhecimento sobre este subcampo, através nomeadamente do estudo de casos mais aprofundado, no sentido de compreender as hegemonias encontradas ao nível das ocorrências de algumas manifestações. Efetivamente, como se demonstrou, existem manifestações cujos eventos/iniciativas são mais evidenciados pelos média. A questão coloca-se em perceber se estamos perante manifestações com uma programação mais intensa ou se, já num patamar de consagração, são as que mais atenção captam por parte dos média ou, ainda, se estamos perante a junção das duas dimensões. A este nível, incorremos na hipótese de observar um efeito de gatekeeping, considerando estar num subcampo onde o papel dos média, à partida não neutro, apresenta-se como crucial para a potenciação das manifestações no próprio subcampo, funcionando, então, como agentes de consagração e consolidação das manifestações. Neste caso, e tal como Bourdieu (1996, 2003) apontava na sua teorização sobre os campos sociais, estamos perante lógicas inalteráveis na luta pela hegemonia, pelo poder, pela notoriedade,



ainda que, na gênese, estejamos perante lógicas que de alguma forma, algures no tempo e no espaço, num outro campo (tangencial ou do qual faz parte, o das Artes em geral), não encontravam lugar.

Ainda no que respeita a esta questão, importa pois avaliar o “comportamento” das manifestações em relação a este papel dos média enquanto mediadores da divulgação, promoção e receção das suas iniciativas; será relevante, então, conhecer até que ponto são deliberadas (e como se processam) as estratégias de comunicação das manifestações, ou melhor, das entidades que as corporizam.

Estamos perante um subcampo fluído – o que não o distingue da totalidade da realidade sociológica contemporânea –, onde a eventual efemeridade da existência (como se verificou com alguns dos casos) se entrelaçam com configurações que ultrapassam fronteiras, entrecruzam processos, lógicas e artes diversificadas, procurando distinguir-se de algum modo, seja na arte, seja no modo de a realizar ou, ainda, seja na forma como a expandem, a defendem e a apresentam. É disto que procuraremos dar conta, em fases ulteriores de pesquisa.

Referências

ADORNO, Theodor W.. *The Cultural Industry – Selected Essays on Mass Culture*. London and New York: Routledge, 2001.

BECKER, Howard S.. *Telling about society*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

BECKER, Howard S.. *Art worlds*. London: University of California Press, 1984.

BENNETT, Andy. *Culture and Everyday Life*. London: Sage Publications, 2005.

BENNETT, Andy; PETERSON, Richard A. (eds.). *Music scenes: local, translocal and virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século



Edições, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

CHANEY, David C.. *The cultural turn: scene-setting essays on contemporary cultural history*. London: Routledge, 1994.

CRANE, Diana; KAWASAKI, Kenichi; KAWASHIMA, Kobuko (eds.). *Global culture: media, arts, policy, and globalization*. New York: Routledge, 2002.

CRANE, Diana. *The Production of Culture – Media and the Urban Arts*. Vol. 1 Newbury Park/London/New Delhi: Sage Publications, 1992.

COSTA, Pedro. *As atividades da cultura e a competitividade territorial: o caso da Área Metropolitana de Lisboa*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão, 2002.

FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (orgs). *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.

GUERRA, Paula. *E nada mais foi como dantes: fragmentos contraculturais e seus estilhaços no pós-Abril de 1974 em Portugal*. *Teoria e Cultura*. V. 13, n. 1, pp. 195–214, 2018.

GUERRA, Paula (org.). *More Than Loud. Os mundos dentro de cada som*. Porto: Edições Afrontamento, 2015.

GUERRA, Paula. *A instável leveza do rock. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Afrontamento, 2013.

JAMESON, Fredric. *Postmodernism or the cultural logic of the late capitalism*. London: Verso, 1991.

JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1990.

JÜRGENS, Sandra Vieira. *Instalações provisórias – independência, autonomia, alternativa e informalidade. Artistas e exposições em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Sistema Solar/Documenta, 2006.

MELO, Alexandre (org.). *Arte e dinheiro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.



PAIS, José Machado. Lufa-lufa quotidiana. Ensaios sobre a cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas). *Análise Social*, Volume XXIV. 101-102, p. 689-702, 1988.

SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa Pérez; GUERRA, Paula. Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, N.º 78, p. 105-124, 2015.

SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa Pérez; GUERRA, Paula. Cultural policies and local development: the Portuguese case. *Portuguese Journal of Social Sciences*, Vol. 12, n.º2, p. 195-209, 2015.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. *Cultural Studies* [em linha], 1991.

THORNTON, Sarah. *Seven Days in the Art World*. London: W.W. Norton & Co, 2009.

ZUKIN, Sharon. *The Culture of Cities*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995

Recebido em: 02/04/2018

Aprovado em: 22/06/2018